

INSTITUTO INTERFACI
CERTIFICADO INTERNACIONAL EM PRÁTICAS COLABORATIVAS E DIALÓGICAS
(ICCP)

Monografia de Conclusão de Curso.

EDNA MARIA FERREIRA
ISABEL APARECIDA MARTINS FERREIRA
MARLENE DE OLIVEIRA
VALÉRIA MARIA MEIRELLES

QUIXOTICES FINANCEIRAS

Conversando sobre dinheiro em grupo multifamiliar

Projeto de Educação Financeira para famílias em situação de vulnerabilidade familiar.

São Paulo

2018

“A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os homens receberam dos céus, com ela não podem igualar-se os tesouros que a terra encerra nem que o mar cobre; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pôde vir aos homens.”

Miguel de Cervantes

DEDICATÓRIA

Aos participantes do grupo multifamiliar deste trabalho, que nos transmitiram verdadeiras riquezas de vida.

Agradecimentos

Ao Projeto Quixote que generosamente abriu suas portas à nossa proposta de trabalho.

A Marilene Grandesso e toda sua competente equipe do VIII ICCP 2018.

A Graziella Mofarrej pela disponibilidade em ler nosso trabalho e colaborar com sugestões.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de 04 oficinas em Educação Financeira com grupo multifamiliar no Projeto Quixote, na cidade de São Paulo, tendo como pressupostos teóricos o Construcionismo Social e Psicologia do Dinheiro.

Surgiu como base do desejo de suas quatro facilitadoras em realizar algo “diferente” pelo social, ainda pouco explorado e que atendesse demandas “não ditas” ou

pouco ditas em nossa sociedade a respeito do dinheiro, de maneira a oferecer informações e outros olhares sobre seu uso.

Para tanto, tomou-se como referência o princípio da Educação Financeira, que é “aumentar a percepção do público – alvo sobre sua necessidade de melhorar suas habilidades com finanças”¹ e que será apresentado ao longo deste trabalho.

Nosso grupo foi se construindo da seguinte maneira: Isabel Aparecida Martins Ferreira, Assistente Social, trabalha com grupo multifamiliar na Instituição onde o mesmo se realizou, Valéria Maria Meireles, Psicóloga, atua em atendimentos clínicos com vistas à Educação Financeira, Marlene Oliveira, psicóloga, trabalha com famílias e casais em consultório e também em instituições, onde observa dificuldade ao falar do tema e quanto é preciso refletir sobre ganhos e gastos fundamentais para se obter a estabilidade financeira e também reservas sobre aposentadoria e imprevistos que possam ocorrer, e Edna Maria Ferreira, advogada e psicóloga, terapeuta de casais, famílias, indivíduo, tendo atuado em instituições onde observou dificuldades que casais e famílias têm em administrar suas finanças, sendo motivos de desentendimentos e até mesmo de separação de casais.

Assim, surgiu o interesse de “juntar forças” a fim de pensarmos numa proposta que atendesse a população de baixa renda no sentido de “dar voz” às possíveis inquietações e preocupações em relação ao dinheiro, buscando identificar necessidades e oferecer alguma orientação.

O grupo multifamiliar é um espaço conversacional colaborativo e dialógico, em que diversos temas são trazidos espontaneamente e de acordo com a necessidade dos participantes. Uma das facilitadoras que atua com grupos desde 2012, observou que o tema dinheiro é um “não dito” no contexto grupal. Diante dessa inquietação, nasceu a ideia de tratar da questão no presente trabalho, tendo como aporte o Construcionismo Social.

Levando em conta que o tema dinheiro ainda é um tabu, falar sobre ele, independente da classe sócio econômica, em uma instituição como o Projeto Quixote não deixa de ser uma ação inédita e desbravadora por parte das pesquisadoras, que se

¹ Nota do Workshop :”Psicologia Econômica e Educação Financeira”, realizado dia 25/05/2018 pela Dra. Vera Rita de Mello Ferreira na B3 Educacional, SP.

apoiaram no Construcionismo Social para realizá-lo, que pressupõe formas de diálogo a partir das quais possam emergir novas realidades e novos valores. O desafio não é encontrar a “única e melhor forma”, mas criar tipos de relação através dos quais se possa construir o futuro de maneira colaborativa, segundo Gergen (2010, apud LORENZI, 2014).

Inspiradas em Dom Quixote que acreditou em sua própria realidade depois de muito ler e saiu mundo afora com seu cavalo, querendo honrar sua pátria e desbravar situações inusitadas, optamos por tomar as teorias como nossos cavalos, buscar parcerias e desbravar o território do uso do dinheiro potencializando cidadãos desprovidos de recursos financeiros e por sabermos que o acesso à Educação Financeira é mais restrito e como constatamos com nosso grupo, inexistente.

Sendo assim, nosso trabalho teve como objetivo abrir espaços dialógicos sobre o uso do dinheiro em um grupo multifamiliar de pessoas assistidas institucionalmente por vulnerabilidade social, favorecendo novas perspectivas e narrativas sobre o mesmo (dinheiro), a partir de dinâmicas, diálogos, informações sobre Educação Financeira que possibilitaram a construção conjunta, tanto de um novo hoje, mas principalmente um novo amanhã, repleto de esperanças e possibilidades.

APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O Projeto Quixote é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), sem fins lucrativos. Sua origem data de meados de 1995, no Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, através do PROAD (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes). Na ocasião um grupo de educadores, preocupados com a questão da criança e do adolescente em situação de rua e uso de drogas, mobilizaram-se na busca de condições e de dar um lugar para que esse público, um lugar de cuidado, em que pudessem ser vistas(os) e ouvidas(os) com dignidade. Sendo assim, criaram um espaço que fosse adequado para acolhê-las(os) nas diversas circunstâncias de vida, atravessadas pelas condições de vulnerabilidade social, situação

de risco, violações de direitos e conseqüentemente prejuízos ao desenvolvimento bio-psico-social. Neste contexto, em 1996, teve origem o Projeto Quixote.

Na gênese de sua criação, alguns inspiradores fizeram parte dessa história, como Claude Olievenstein, psiquiatra e fundador do Centre Médical Marmottan, em Paris, através de seu olhar e sua forma de compreender a questão do uso de substâncias e seus contextos sociais; Oswaldo Di Loreto, médico e psiquiatra brasileiro, especialista nas questões da infância e supervisor da instituição durante anos; Paulo Freire, cuja expressão “decência e boniteza de mãos dadas”; Cervantes, através da magia da sua obra, um clássico, o Dom Quixote, que nos atravessa no dia a dia em nossa prática, e nos impulsiona para continuar a desbravar novas aventuras e novos desafios frente à demanda das crianças, adolescentes e suas famílias.

Com isso, a proposta de trabalho é apoiada no tripé “clínico, pedagógico e social”, e prima por proporcionar um ambiente acolhedor em que o belo e o estético se fazem presentes.

A forma de trabalhar se caracteriza da seguinte maneira: quando o cliente chega ele é acolhido individualmente, geralmente vem encaminhado(a) por Escolas, Conselhos Tutelares, Varas da infância e Juventude, Unidades Básicas de Saúde (UBS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Serviços de Acolhimento Institucional Criança e Adolescente (SAICAs), Fundação Casa e há os que procuram por demanda espontânea, que desejam fazer atividade, muitas vezes incentivados por amigos, vizinhos para irem para ao Quixote.

Durante a entrevista inicial, preenche-se o cadastro e se procura entender o encaminhamento, após isso, é apresentado o cardápio de atividades, do que ele(a), poderá participar e realizar no decorrer do seu processo conosco. Em seguida, faz-se um tour pelas dependências da casa e se apresentam os colaboradores que vão sendo encontrados nesse trajeto, procurando favorecer essa chegada de um jeito acolhedor, em que esse cliente seja bem-vindo.

Atualmente a Instituição comporta o CAPS II Infante Juvenil Projeto Quixote, Clube da Turma e o Serviço de Proteção à Víctima de Violência (SPVV). Atrelados a esses três eixos, tem o Núcleo de Atenção à Família, o Refugiados Urbanos (abordagem de rua) e o setor de Ensino e Pesquisa.

A missão é transformar a história de crianças, adolescentes e famílias em complexas situações de risco em UMA OUTRA HISTÓRIA.

BREVE APRESENTAÇÃO DAS TEORIAS

Como dito anteriormente, nosso trabalho tem como referencial teórico o Construcionismo Social, que pode ser entendido como um conjunto de reflexões advindas de diferentes áreas de conhecimento, cuja conjunção traz a possibilidade de revisão das formas modernas de se entender ciência, e tem como principais pressupostos, de acordo com Gergen (2010, apud LORENZI, 2014), o entendimento de que: a) nossa experiência do mundo não determina em si mesma as formas pelas quais esse mundo é compreendido; b) os termos que usamos para compreensão do mundo resultam de processos de intercâmbio social, situados histórica e culturalmente; c) aquilo que conta como sendo o conhecimento válido acerca do mundo e de nós mesmos depende menos da natureza da realidade do que dos processos de intercâmbio social em que tal conhecimento é legitimado como verdadeiro; e d) descrições que temos do mundo devem ser consideradas como forma de ação social - ou seja, o conhecimento que temos do mundo e de nós mesmos engendra diferentes formas de vida e de relacionamento (GERGEN, 2010).

De acordo com White e Epston (1990, apud LORENZI, 2014), algumas perspectivas construcionistas focalizam o modo como as pessoas vivem por meio de histórias. Tais explicações se constroem sobre metáforas textuais e argumentam que as experiências vividas precisam ser historiadas ou seja, contadas para que possam fazer sentido.

Trata-se de uma verdadeira inversão na lógica tradicional de entendimento do “contar histórias”. Tradicionalmente, entende-se que primeiro as pessoas vivem, depois contam determinadas histórias sobre a vida. Boas histórias, neste sentido, seriam aquelas que melhor refletissem a realidade dos eventos, ou seja, narrativas fidedignas aos fatos. Este tipo de entendimento compartilha de uma tradição dualista, que separa o mundo dos objetos e coloca a representação como função das histórias. Por outro lado, as perspectivas narrativas de construção social entendem histórias em seu caráter performático, isso quer dizer que as histórias são compreendidas como constitutivas da vida das pessoas.

Para Mary Jane Spink (2004, apud LORENZI, 2014) o papel da linguagem é fundamental para as construções sociais da realidade ou das realidades, entendendo que as realidades podem ser múltiplas e que o Construcionismo não é uma teoria, mas sim um movimento que tem como uma das características a postura relativista, o que significa que a realidade é consequência de algo que está sendo construído socialmente.

Observamos através das oficinas realizadas que a partir dos processos dialógicos e colaborativos pudemos construir uma nova realidade para os participantes no que tange o uso do dinheiro.

Para alguns autores, como Burr (2003, apud LORENZI, 2014), o discurso construcionista tem um papel central e afirmam que a pessoa não pode pré-existir à linguagem, já que é na linguagem que ela é construída. Com isso querem dizer que a linguagem nos oferece uma forma de estruturar nossas experiências do mundo e de nós mesmos.

Para Marilene Grandesso (2011, p. 244), a terapia como prática social pode ser definida como um encontro que se dá na linguagem, um evento linguístico no qual pessoas com diferentes tipos de experiências, uma das quais, se define como terapeuta, interagem a partir de um interesse comum que os coloca juntos. Esse ponto de convergência apresenta uma relevância, em particular, para os envolvidos – dissolver dilemas, vencer desafios, aliviar sofrimentos, atingir determinadas metas -, servindo para definir a existência desse sistema, no que diz respeito a sua composição e tempo de duração. Antes de mais nada, a terapia constitui-se de pessoas que se relacionam **na e por meio** da linguagem, em torno dos dramas de diferentes complexidades que restringem as suas alternativas existenciais.

Nas oficinas realizadas, o interesse era comum a todos e o diálogo foi importante para os participantes desenvolverem possibilidades, uma vez que se sentiram ouvidos, estimulados, pois através do diálogo puderam buscar significados e entendimentos, para questões tão presentes, mas que não foram observadas. Como bem exemplifica Anderson (2017, p. 94), quando diz que a busca por entendimento não é para procurar o que não foi descoberto, mas olhar para o familiar com escrutínio, com novos olhos e ouvidos, para vê-lo diferentemente, para entendê-lo diferentemente, para articulá-lo diferentemente. Ou seja, ressignificar o que ali já se encontrava.

Esta “abordagem”, inclusiva e que abre possibilidade para interfaces com outras teorias, possibilitou a interface com Psicologia do Dinheiro, Psicologia Econômica e um de seus temas correlatos, como a Educação Financeira, que serão apresentados a seguir.

Psicologia Econômica

Embora exista há mais de cem anos na Europa e Estados Unidos, inclusive com dois prêmios Nobel, no Brasil, a Psicologia Econômica é recente (menos de duas décadas) e tem seu nome representado pela psicóloga Vera Rita de Mello Ferreira², referência no assunto.

Vinda da junção da Psicologia Social com Economia, a “Psicologia Econômica voltou-se, em especial, para equívocos que cometemos quando lidamos com dinheiro e outros recursos finitos” (FERREIRA, 2008, p. 8), entendendo finito por tudo que é escasso, como por exemplo: tempo e dinheiro.

De acordo com Kircher e Hölzl (2003, apud Ferreira, 2008, p. 43):

A Psicologia Econômica pode ser definida como uma busca para compreender a experiência humana e o comportamento humano em contextos econômicos, fornecendo modelos econômicos descritivos e não normativos, como faz a Economia, a respeito de seu objeto de estudo, que são as decisões sobre o uso de recursos escassos, com o propósito de satisfazer diversas necessidades humanas.

Assim como o Construcionismo Social, a Psicologia Econômica favorece a interface com várias áreas do saber, entre elas a Economia Comportamental, Finanças Comportamentais, Economia Antropológica, Psicologia do Consumidor, Neuroeconomia, Socioeconomia, entre outras.

E dentre suas áreas de pesquisa encontram-se os processos de tomada de decisão: escolha intertemporal, desconto hiperbólico subjetivo, contas mentais; Distorções de apercepção e avaliação, implicações para investimentos, psicanálise e tomada de decisão; comportamento econômico: poupança, crédito e endividamento,

² Vera Rita de Mello Ferreira: Disponível em: www.verticepsi.com.br. Acesso em: 10 ago. 2018.

decisões domésticas, socialização econômica, compras compulsivas, meio ambiente e claro, educação financeira, como implícita em vários processos acima.

Como se pode observar, são muitas áreas de pesquisa, sendo o dinheiro e os comportamentos em relação ao seu uso, uma delas, tanto que surgiu em 1998 a Psicologia do Dinheiro, pelas mãos dos pesquisadores ingleses Adrian Furnham e Michael Argyle.

Teoria bastante jovem, que será apresentada a seguir.

Psicologia do Dinheiro

A Psicologia do Dinheiro dispõe-se a estudar de forma multidisciplinar os comportamentos monetários dos indivíduos, suas irracionalidades no seu uso do que transcendem as explicações lógicas no processo de tomada de decisão, bem como suas influências no comportamento humano (FURNHAM; ARGYLE, 2007).

Furnham e Argyle lançaram em 1998 o livro “The Psychology of Money”, propondo uma ampla compreensão do uso do dinheiro, envolvendo os seguintes temas: atitudes, aprendizagem sobre dinheiro na infância (socialização econômica), dinheiro no cotidiano (poupar, gastar e pagar impostos), dinheiro e família (incluindo casamentos e decisões domésticas), dinheiro e trabalho, formas de doar, desperdício, uso do dinheiro pelos muito ricos até chegar à reflexão sobre se o dinheiro traz felicidade ou motiva as pessoas, todos baseados no modelo econômico vigente.

Para Furnham e Argyle (2007, p. 5-6), a Psicologia do Dinheiro:

Interessa-se pelos significados psicológicos que as pessoas dão ao dinheiro, como suas crenças e atitudes se estabelecem e como as usam quando adultos. [...] Psicólogos estão interessados em atitudes em relação ao dinheiro, por que e como as pessoas se comportam em relação a ele, o que elas fazem bem como quais os efeitos que o dinheiro tem nas relações humanas.

Ao expandirem o uso do dinheiro para as relações humanas, Furnham e Argyle tornaram explícita não apenas sua presença na vida pessoal, familiar e social, bem como a influência nas relações, envolvendo múltiplos significados que acabam por criar narrativas surgidas no contexto de cada um, ampliando as possibilidades de pesquisa na área e tornando evidente a multidisciplinaridade do tema.

Estudar o uso do dinheiro obriga acessar os ensinamentos dos precursores da Psicologia do Dinheiro, Lea, Tarpy e Webley (1987, p. 339), para quem

O dinheiro é um conceito complexo que carrega um plexo de significados de plexos de exemplares. Nosso comportamento em relação ao dinheiro será, por esta razão, apenas completamente entendido por meio de uma perspectiva histórica e de desenvolvimento. Principalmente, dinheiro representa uma avaliação de troca, mas os significados secundários incorporados em cada aspecto do dinheiro (sua origem, forma e mensagem) afetarão como será usado e podem perfeitamente limitar sua aplicabilidade geral.

Tal complexidade demanda por parte do pesquisador um cuidado maior ao estudá-la, associando-a a várias perspectivas além da econômica (que acredita na existência do *homo economicus*) e correlacionando-a com o indivíduo não racional, que traz consigo uma história de vida que transcende a existência presente, influenciada por crenças, valores de seus antepassados bem como pelas circunstâncias e contextos de vida, nível sócio econômico, traços de personalidade, sexo, estado civil e ciclo vital (MEIRELLES, 2012).

Seguindo esta linha de raciocínio, ao observarmos as formas como as pessoas usam o dinheiro, estaremos abrindo possibilidades para entendermos o seu universo e a maneira como elas se posicionam frente a escolhas e necessidades.

Para “darmos conta” desta complexidade, tão importante quanto entender os conceitos brevemente apresentados acima é associá-los ao de Educação Financeira, para podermos colocá-los na prática.

Educação financeira

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2005³, educação financeira é:

O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas,

³Disponível em: <https://www.oecd.org/about/34711139.pdf>. Acesso em: 09 out. 2018.

saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

De maneira mais prática e simplificada, o National Financial Literacy Strategy-Austrália, (2014-2017)⁴ define educação financeira ou letramento financeiro da seguinte maneira:

Letramento financeiro é uma habilidade essencial da vida diária. Significa ser capaz de entender e negociar o cenário financeiro, administrar o dinheiro e os riscos financeiros de modo efetivo e responsável e buscar obter objetivos financeiros e estilo de vida.

Partindo do princípio que o Projeto Quixote atende uma população na maioria de baixa renda, e pelo que foi possível observar, sem acesso a informações relativas à Educação Financeira e alinhadas com as definições acima, oferecemos um espaço para que o uso do dinheiro fosse falado de forma aberta, sem tabus, de maneira que as pessoas pudessem entender o que ele significa e simultaneamente contribuirmos com informações técnicas a respeito de seu uso, bem como pontuar os aspectos emocionais, familiares e culturais que o envolvem, tendo como premissas as definições acima apresentadas.

Considerando o princípio básico da cidadania, que busca emancipação das pessoas a partir de conhecimento, entendemos que ao introduzirmos a Educação Financeira aos participantes do grupo multifamiliar e abriremos espaços para apresentarem suas narrativas sobre o uso do dinheiro, estávamos estimulando o “sair do automático” em relação a vários comportamentos financeiros e assim, rever e ampliar a percepção sobre a necessidade de melhorar as habilidades em relação a ele através dos conhecimentos adquiridos tanto a respeito de si mesmas quanto do dinheiro. Ao fazerem isto, os participantes puderam experimentar sentimentos de autoeficácia, bem estar e segurança, como pudemos observar durante as 04 oficinas realizadas.

Para tanto, focamos nos seguintes tópicos:

- Estimular a motivação para os participantes administrarem o dinheiro e realizarem mudanças.

⁴Disponível em: <https://financialcapability.gov.au/>. Acesso em: 09 out. 2018.

- Reconhecerem a capacidade de cotidianamente administrarem o dinheiro (finanças).
- Pensarem no futuro e poupar, a fim de estarem preparados para mudanças de vida e eventos inesperados.
- Saberem realizar escolhas de consumo mais pautadas na realidade e alinhados aos objetivos de vida.

Nas atividades propostas procuramos mesclar informações técnicas com os aspectos emocionais, considerando que ambos, conforme anteriormente apresentados, são fundamentais para o sucesso financeiro.

Preparamos nossos encontros com atividades que favorecessem o contato com a realidade financeira de cada participante juntamente com reflexões em grupo, buscando favorecer a linguagem financeira e assim, possibilidades de entendimento do uso do dinheiro.

MÉTODO:

Em consonância com o Construcionismo Social e face às nossas propostas, entendemos que o método de investigação qualitativa seria o único coerente e possível. Sendo assim, optamos por algumas técnicas que favorecessem o diálogo.

De acordo com Minayo (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

O que atende a nossa proposta de oficinas em Educação Financeira.

Para realizarmos nosso trabalho, dentro do escopo da pesquisa qualitativa, optamos pela Pesquisa-ação, que de acordo com Tripp (2005, p. 445-446):

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para

melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da investigação.

E acrescentaríamos que há também a possibilidade de partilhar os conhecimentos dela advindos, de maneira rizomática, coincidindo com uma das premissas básicas do Construcionismo Social.

As colocações acima são coerentes ao processo que vivenciamos durante as 04 oficinas e será apresentado a seguir.

Contexto e participantes

As oficinas se desenvolveram na sede do Projeto Quixote, no bairro Aclimação, na cidade de São Paulo, durante 04 meses consecutivos (de julho a outubro/2018).

Foi realizada uma oficina por mês, com duração média de 50 minutos, registradas manualmente pelas facilitadoras e foram posteriormente analisadas.

As participantes pertenciam ao grupo multifamílias que ocorre às terças feiras pela manhã e foram convidadas a participar através de uma oficina no qual explicamos os objetivos e métodos a serem utilizados.

Eram em sua maioria mulheres, mães de crianças e adolescentes que realizam atividades no Projeto Quixote. Têm idade média de 40 anos, com vários estados civis: casada, separada, solteira, viúva.

Nossa oficina foi composta inicialmente por 11 mulheres e 01 homem, desempregados ou trabalhando, alguns em contextos de vulnerabilidade social... A maioria exercia atividade profissional, seja em emprego fixo, de carteira assinada, seja como autônoma.

Procedimento, descrição e análise das oficinas

Entendemos que para o escopo de nosso trabalho seria mais útil uma análise individual e depois global das oficinas, realizando uma análise e síntese final, conforme apresentaremos a seguir:

1ª. Oficina

Data: 10/07/2018

Hora: 10:45h, com duração de 50 minutos

Objetivo: Apresentar a proposta da oficina e sensibilizar os participantes à participação.

Tema: Oficina sobre dinheiro/ educação financeira.

Número de participantes: 11 mulheres e 1 homem, mais presença da Coordenadora do grupo multifamiliar.

Descrição:

- 1- Apresentação das facilitadoras pela Coordenadora.
- 2- Apresentação individual de cada participante e facilitadora, na qual cada uma dizia seu nome e o que esperavam daquele encontro.
- 3- Apresentação da nossa proposta.
- 4- Aquecimento dos participantes: perguntamos o que significava dinheiro para cada um deles.

Essa pergunta disparadora, parece ter rompido o tabu que é falar sobre dinheiro, pois rapidamente se iniciou um diálogo de múltiplas vozes simultaneamente, no qual parecia que havíamos aberto uma “caixa de pandora” sobre o tema, tal a quantidade de informações transmitidas, a maioria delas sobre como, com quem e onde usavam o dinheiro.

Imediatamente conselhos e orientações foram sendo oferecidos pelas participantes, no sentido de ajudar suas colegas a terem mais dinheiro e conseguirem realizar seus sonhos , como por exemplo: “ Acho que você está dando muito dinheiro para seus filhos, para com isso, olha só: sua aposentadoria indo para eles e os netos e eles são grandes”.

A narrativa de cuidado e atenção com as colegas do grupo surgiu naturalmente, como se já estivesse pronta para ser utilizada e esperando uma oportunidade para acontecer, o que vai ao encontro da proposta do Construcionismo Social, no qual os conteúdos e as qualidades dos diálogos surgem nas relações.

Pensando em termos de Educação Financeira, que busca promover o protagonismo das pessoas diante de suas finanças, pudemos observar que as falas acima caminharam neste sentido, incentivando a auto responsabilidade, atenção ao futuro e o cuidar de si, como no caso de uma das participantes que era aposentada e gastava todo seu dinheiro com filhos e netos, pouco ficando para si mesma.

Considerando as falas do grupo, podemos pensar nas crenças e valores que esta senhora trazia para a relação familiar e financeira, impossibilitando a autonomia financeira.

5- Dinâmica: o que ouviram falar sobre dinheiro? Pode ser frases, músicas etc.

Esta dinâmica teve como objetivo conhecer as frases/crenças que habitam o imaginário e as narrativas em relação ao dinheiro.

“Viva o luxo e morra o bucho.”

“Dinheiro na mão é vendaval”.

“Não quero dinheiro, só quero amor sincero.”

“O dinheiro não traz felicidade.”

“Dinheiro não leva desaforo para casa.”

“Dinheiro é coisa do diabo.”

“Dinheiro compra tudo, menos a saúde.”

“Sem dinheiro não se chega a lugar nenhum.”

“Dinheiro não é problema, é solução”.

“Até para morrer precisa de dinheiro”

“Quem manda em quem?”

“Dinheiro não traz felicidade mas acalma os nervos”

Através destas frases acima, estabeleceu-se um diálogo com o “não dito”, mas presente dinheiro, no qual este passou a ser visto com mais centralidade e rapidamente falado com naturalidade. O lugar do “não dito” foi dito e explicitado, sendo assim, novamente emergiram com certa ânsia diversas vozes que pareciam silenciadas pelos tabus que foram rompidos, como podemos constatar em mais frases abaixo:

- “Eu nunca economizei, nunca é tarde para economizar?”

- “Por que guardar dinheiro se não sei quando a morte vai chegar?”

- “Será que dá para economizar com mil reais?”

Interessante salientar o quanto reflexiva também foi esta atividade, pois as participantes puderam perceber como estas frases, que se tornam crenças para algumas, fazem parte do cotidiano, influenciando o modo nem sempre positivo, de usá-lo.

6- Em seguida, perguntamos o que precisaria acontecer, o que gostariam de aprender em nossas reuniões e os temas sugeridos foram:

- 1- Programação e planejamento financeiro para realizar sonhos.
- 2- Aprender a administrar renda e juntar dinheiro.
- 3- Aprender a atingir metas.

As demandas foram bem objetivas e nos surpreenderam pela rapidez com que surgiram, como se estivessem ali, esperando a oportunidade de terem espaço, indo ao encontro da proposta do Construcionismo Social de dar vozes às narrativas existentes em cada pessoa.

7- Para finalizar, pedimos para descreverem com uma palavra nossa reunião e tivemos as seguintes respostas:

- 1- Obrigada
- 2- Entusiasmo
- 3- Aprendizagem
- 4- Troca
- 5- Comunicação
- 6- Desejo
- 7- Sonho
- 8- Metas
- 9- Sabedoria
- 10-Entendimento
- 11-Atenção
- 12-Programação
- 13-Economizar

Tais respostas não puderam ser investigadas em detalhes, mas possuem todas uma conotação positiva, o que nos permite inferir, associando ao entusiasmo dos participantes, que acertamos na escolha do tema de nossas oficinas.

Terminamos deixando agendada a próxima reunião para o mês seguinte.

Após refletirmos sobre a oficina, pensamos que seria útil, para a segunda, uma atividade que contemplasse as demandas solicitadas em termos de programação e planejamento financeiro, administração de renda, poupar e atingimento de metas.

Em função do pouco tempo que teríamos (apenas três oficinas sendo que uma delas de fechamento), optamos por utilizar o jogo “Dinheiro do Mês”, que será apresentado na segunda oficina.

2ª. Oficina

Data: 14/08/2018

Horário: 10:45h, com duração de 45 minutos.

Objetivo: Ajudar as participantes a cuidarem do dinheiro durante o mês

Tema: Planejamento financeiro ao longo do mês.

Ferramenta: Jogo: “Dinheiro do Mês”:

O jogo “Dinheiro do Mês”, da Estrela brinquedos, consiste em um tabuleiro/calendário no qual cada “casa” é um dia do mês e possui demandas, tanto de guardar como gastar, pagar contas, imprevistos, ou seja, uma mini réplica do que acontece no cotidiano.

Participantes: 10 mulheres e 1 homem.

- 1- Apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com leitura conjunta e esclarecimentos por parte das facilitadoras.
- 2- Aquecimento: como passaram e o que pensaram sobre o dinheiro, tendo como base o primeiro encontro, no mês anterior.

- 3- Proposta de atividade: usar o tabuleiro/ calendário do jogo “Dinheiro do Mês”, para fazerem o próprio calendário (com cartolina, canetinhas hidrográficas coloridas, lápis, borracha), que usariam ao longo do mês até nossa próxima oficina.

Solicitou-se que cada participante colocasse as suas próprias contas, entradas financeiras e simultaneamente fosse pensando nos pontos fortes e difíceis que teria ao longo do período, já pensando como solucionar as possíveis dificuldades.

Enquanto faziam individualmente os calendários, as participantes iam colocando suas dúvidas, dificuldades e possibilidades com o dinheiro, por exemplo:

- “Como faço para gastar menos no supermercado?”

- “Será que se eu parar de dar tanto dinheiro para minha irmã vou conseguir realizar meu sonho de sair de férias com minhas crianças?”

- “Em novembro minha filha faz quinze anos, quero fazer viagem com família, como economizar para fazer viagens?”

- “Eu tenho muita preocupação em estocar comida, gasto muito, minha filha administra e me controla, se fosse por mim, gastaria tudo”.

- “Para mim o essencial é ter comida e remédio”.

- “Eu tenho um irmão, que mora no Sul e quando eu vou para lá só considero despesa a passagem porque a despesa é a mesma que eu tenho em casa”.

Tais perguntas levaram a pensar o uso do dinheiro ao longo do mês, apresentando partes da vida que têm problemas e sendo acolhidas pelo grupo e pelas 4 facilitadoras.

Nossa ideia, seguindo a proposta da Educação Financeira, era de contribuir para emancipação e agenciamento de si mesmas, no sentido de ajudar as participantes a serem as próprias agentes de transformação de suas vidas, através de informações que favorecessem o uso consciente do dinheiro.

E nesta linha de raciocínio, de forma descontraída, espontânea e entusiasmada, enquanto desenhavam, elas foram percebendo “pontos fracos” e “pontos fortes” sobre o dinheiro, trocando ideias e partilhando angústias, construindo coletivamente uma

narrativa positiva e otimista de mudança e reconhecimento de aprender sobre o seu uso e mais ainda, as histórias que estavam “por trás” de cada uso não útil do dinheiro.

Por exemplo, as participantes passaram a listar as contas fixas que possuem e ver quais poderiam variar e foram percebendo, pelas próprias narrativas, onde os gastos se mostravam maiores. Tudo isto feito de forma coletiva, participativa, de maneira que as narrativas pessoais sobre o uso do dinheiro rapidamente se transformaram em narrativas coletivas de cuidados e atenção aos gastos desnecessários.

Uma participante pode perceber que “*dinheiro é como uma droga, a gente usa e dá prazer*”, algo devidamente alinhado com a pesquisa das referências em Psicologia Econômica Lea e Webley (2006) e que nos confirmou o potencial de cada uma delas para entender o uso do dinheiro. Mais ainda, tal percepção mostrou à participante que ela pode sim ter o domínio do prazer e do dinheiro, desde que saiba as razões de seu uso, tornando-se agente de si mesma, sob o comando de suas escolhas e não das circunstâncias.

Outra participante contou que gasta muito com comida para o filho e o grupo ajudou-a a encontrar jeitos de reduzir esta despesa, como por exemplo, fazer lanches em casa ao invés de comprar iogurte e bolinho no supermercado.

Uma outra, partilhou que o marido havia sido demitido na véspera de nossa reunião e que teriam que tomar mais cuidados com os gastos e que a oficina estava oferecendo informações para isto.

Após 25 minutos desta atividade, para encerrarmos, apresentamos um “nudge” (Thaler e Sunstein, 2009), ou seja : um “cutucão”, um lembrete para ajudá-las com o que fariam com o dinheiro ao longo do mês: eram notas de dinheiro de brincadeira, do jogo Dinheiro do Mês, nos valores que iam de R\$100,00 a R\$10.000,00.

Pedimos para cada participante escolher uma para levar para casa e deixar num lugar que as lembrasse de cuidar do dinheiro pois, nosso objetivo era manter “acesa” a proposta de engajamento de controle dos gastos ao longo das três semanas até o próximo encontro.

Enquanto as notas eram escolhidas, pudemos perceber pelo valor (de R\$5 a R\$10.000) a visão que tinham de si mesmas e os objetivos propostos, bem como onde a colocariam para se manterem alertas e motivadas. Algumas participantes colocaram na carteira, outras na porta de geladeira, junto com o calendário, “para ficar bem na frente e não esquecer o que tem que ser feito”.

Por fim, encerramos, deixando a próxima reunião agendada para 3 semanas, tempo considerado suficiente para marcarem diariamente no calendário feito os gastos e as emoções.

Também pedimos um *feedback* de nossa oficina e todas responderam que haviam gostado muito, pois nunca tinham parado para falar nem pensar sobre o dinheiro daquela maneira.

Terminamos com a sensação de estarmos no caminho certo em relação à escolha do tema, do grupo e da inegável importância da Educação Financeira como ferramenta de transformação social.

Na condição de construcionistas sociais, observamos o quanto “nossas linguagens nascem no interior de nossos diálogos com os outros” (Gergen 2010, p.48), com isso, esperamos neste encontro ter aberto a possibilidade para novas narrativas em relação ao dinheiro, criando uma narrativa coletiva otimista de que sucesso financeiro se constrói a cada dia.

3ª. Oficina

Data: 02/09/2018

Horário: 10:45, com duração: 45 minutos

Objetivo: Ver como as participantes usaram o dinheiro ao longo do mês, tendo como base o calendário proposto na segunda oficina e as conversas coletivas.

Tema: Dinheiro do mês

Participantes: 3 mulheres

1. Apresentação.
2. Aquecimento: saber como passaram e o que fizeram com o dinheiro. Pensando no encontro anterior onde cada um levou seu calendário e a nota que escolheram com o valor que consideraram ser suficiente para seus gastos, conversamos sobre o que foi feito e refletido no período.
3. Uma das participantes estava muito feliz porque tinha conseguido realizar o objetivo de economizar a quantia de R\$400,00 e isso nunca havia acontecido

antes, a mesma relata que conseguiu falar para a irmã que mora em outro Estado e que não poderia ajudar mais enviando dinheiro.

4. Uma participante estava feliz, porque havia conseguido um emprego e estava disposta a economizar com o novo salário, relatou que estava se planejando e pensando em guardar todo mês uma quantia na poupança e também sair da casa da cunhada alugando um pequeno espaço para morar. E lembrou da frase que uma facilitadora havia dito: "dinheiro a gente não ganha e sim produz".
5. Uma das participantes não conseguiu se controlar, comprou supérfluos, como ela mesma citou, não consegue se controlar com horários, gasta com Uber onde poderia economizar se acordasse mais cedo e fosse caminhando ao trabalho e cedeu às tentações de um vendedor comprando três pares de tênis de uma vez para a filha. Sugerimos à participante a fazer uma tabela de horários para se organizar melhor na sua rotina. E também para não deixar se influenciar por vendedores a fim de realizar o sonho de comprar seu próprio carro.
6. Encerramos e pedimos para dizerem uma palavra que representasse o que conversamos ali e o significado para cada uma delas:

1 - ajuda

2 - maravilhosa

3 - aprendizado

4 - incentivo

5 - prosseguir

Finalizamos agendando a última reunião e recebemos o pedido para continuarmos, pois as participantes relataram estar sendo muito útil as orientações e reflexões, uma vez que nunca ninguém as havia orientado assim.

Isabel, do Projeto Quixote disse que vai apresentar o projeto "Quixotices Financeiras" ao diretor e conselheiros/coordenadores e vamos avaliar as condições/possibilidades de prosseguirmos.

4ª Oficina

Data: 02/10/18

Horário: 10:30h, com duração de 45 minutos

Objetivo: Encerramento/Colheita do que foi conversado nas oficinas anteriores

Tema: Eu, meu dinheiro e meu futuro a partir de nossas oficinas.

Participantes: 3

Neste quarto e último encontro, estiveram presentes três pessoas, sendo que uma delas como ouvinte, pois se interessou pelo assunto e ficou curiosa para participar. Duas participaram desde o início desse estudo.

E relatou que se sentiu estimulada a guardar mais dinheiro, o seu objetivo é realizar uma viagem. Suas palavras neste momento foram: “segura” e “poder”.

Fez um calendário, que colocou na geladeira e anota os gastos. Disse ainda que tem um dinheiro guardado, mas finge que não tem, fazendo sua rotina.

Perguntada como manter o estímulo, respondeu “não deixar a peteca cair, pois assumiu um compromisso consigo, fazer uma viagem.” Disse que precisa melhorar, comprar sem necessidades, que não sai comprando por impulso. E comentou com o marido que “se não tivesse aula de dinheiro não teria aprendido como lidar com ele.”

Uma das participantes relatou que não consegue guardar dinheiro ainda, porém quitou uma dívida e o que não conseguiu quitar irá negociar outras contas. Tem como objetivo no fim do mês guardar um pouco na poupança. Perguntada qual o estímulo disse: O seu objetivo seguinte é juntar dinheiro para comprar uma casa para a sua mãe que reside na região norte do país, lá há opções mais baratas ou trazê-la para ficar com ela. Disse também que mudou a forma de fazer compras, não vai mais na opção mais cara, busca pesquisar, fazendo compras conscientes.

Ao final, as facilitadoras realizaram em conjunto com as participantes, uma reflexão na qual pontuaram positivamente todo o processo dessas famílias em relação ao dinheiro, seu significado, e a construção de novas perspectivas e possibilidades de ‘UMA OUTRA HISTÓRIA’, alinhadas com os valores e slogan do Projeto Quixote.

Encerramos com a música dos Titãs “COMIDA”..., deixando para reflexão “VOCÊ TEM SEDE DE QUE?”⁵

⁵Titãs: música: Comida. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/titas/91453/>. Acesso em: 30 set. 2018.

Titãs – Música: Comida

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída

Para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida

Diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida

Como a vida quer

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer

E quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer

Pra aliviar a dor

A gente não quer

Só dinheiro

A gente quer dinheiro

E felicidade

A gente não quer

Só dinheiro

A gente quer inteiro

E não pela metade

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente...

Pudemos perceber pelas falas, que as participantes têm sede de felicidade, que está correlacionada a realização de sonhos que necessariamente envolve terem dinheiro para alcançá-los.

Por fim, celebramos o encerramento com moedinhas de chocolate e um bolo cuca delicioso.

Vale ressaltar que as participantes manifestaram desejo de que esse trabalho continuasse em 2019. Estaremos planejando para que seja instituído no formato de um trabalho voluntário esses encontros mensais, para que haja um alcance mais abrangente de participantes.

Considerações Finais

Observamos que o entendimento das crenças paralisantes e mudanças nos padrões de comportamento favoreceram novas narrativas e ressignificados ao uso do dinheiro e principalmente aos objetivos de vida, que antes os participantes não consideravam possíveis.

Pudemos constatar a potência dos encontros, da integração das experiências e mais ainda, a força motriz da sabedoria coletiva.

Quando apresentamos a possibilidade de cuidado com o uso do dinheiro, através dos princípios de Educação Financeira, pudemos perceber ao longo do processo, o quanto se ampliou a visão de cada participante em relação ao uso do dinheiro.

Como um “lapidador” de diamantes, tivemos a impressão de que as informações apresentadas e as ferramentas usadas funcionaram como instrumentos de lapidar algo que já estava lá, pronto, mas carente de forma a ser utilizada com propriedade e agenciamento pelas participantes.

As conversas ofereceram às participantes novas janelas de oportunidade e o ineditismo de terem a possibilidade de falar livremente sobre o uso do dinheiro, esclarecendo dúvidas, criando jeitos únicos, singulares de lidar com ele, através de uma narrativa de esperança na busca para a realização de sonhos.

Ao contemplarmos nas atividades os pedidos iniciais das participantes: “Programação e planejamento financeiro para realizar sonhos, aprender a administrar renda e juntar dinheiro e aprender a atingir metas”, pudemos, alinhadas com a Educação Financeira, oferecer um espaço inédito para falarem sobre ele (dinheiro) e identificarem o que estavam fazendo de positivo ou não, inclusive nas suas relações familiares (filhos, cunhada, marido).

A partir desta dinâmica, o espaço criado para realizar de maneira única e contextual, as mudanças necessárias ao uso do dinheiro, fazendo com que se sentissem mais confiantes em si e com novas perspectivas de futuro, como nos contou uma das participantes: *“eu comecei a trabalhar e agora sei que não posso gastar todo meu dinheiro, já sei que tem um jeito e se eu guardar, vou conseguir comprar uma casinha para minha mãe lá na Paraíba, agora eu sei que é possível”*, corroborando a definição de Educação Financeira de que esta é uma habilidade essencial da vida diária.

Foi exatamente isto que pudemos constatar: a força da informação e da mudança de narrativa de vida, após conexões de sentido, construída com e através do grupo, do “discurso que nasce do diálogo” e que “ a linguagem é apenas um componente de ações plenamente realizadas” (Gergen e Gergen, 2010, p. 47 e 49), ou seja, pela linguagem as participantes promoveram ações consideráveis em suas vidas.

Ainda que falamos de ações de sucesso, há de se considerar o fato da diminuição drástica dos participantes ao longo das oficinas (de 12 participantes no início, para 02 no final, presentes em todas as oficinas).

Pensamos em várias possibilidades e uma delas, que nos fez mais sentido, remete ao fato do quanto ainda é constrangedor, um tabu, falar sobre dinheiro, especialmente em espaços conversacionais institucionais, o que pode ter gerado certo desconforto nos participantes e portanto, revisto pelas facilitadoras em ações futuras.

De todo modo, o fato de duas delas persistirem até o final deste projeto, nos fez pensar na história do catador de estrelas do mar⁶, sabendo que para elas fizemos a diferença, pois mesmo que o alcance seja aparentemente para uma minoria, entendemos que criou conexões transformadoras, escrevendo “UMA OUTRA HISTÓRIA”. Assim, nos despedimos realizadas, gratas e desejosas de conhecer outras mais...

⁶ Conto: O jovem e as estrelas do mar. Disponível em:

https://www.novaera.org/contos/o_jovem_e_as_estrelas.htm. Acesso em: 20 nov. 2018.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, H. **Diálogo**: pessoas criando significados umas com as outras e encontrando maneiras de continuar. Organização Marilene A. Grandesso, São Paulo: Editora CRV, 2017.

BEDOIAN, G.; LESCHER, A.; FERRÉ, Z. **Quixote**: uma outra história. São Paulo: Peirópolis, 2017.

FERREIRA, V. R. M. **Decisões econômicas**: você já parou para pensar? São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. **Psicologia econômica**: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões. Organização de Gustavo Cerbasi. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FURNHAM, A.; ARGYLE, M. **The psychology of money**. East Sussex: Routledge, 2007.

FURNHAM, A. **The new psychology of money**. East Sussex: Routledge, 2014.

GRANDESSO, M. **Sobre a Reconstrução do Significado**: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.

JOGO Dinheiro do Mês. São Paulo: Printpack Embalagens e Editora Ltda, 1997.

LEA, S.E.G., WEBLEY, P. Money as a tool, money as a drug: the biological psychology of a strong incentive. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge, 29, p.161-209, 2006.

LEA, S.E.G.; TARPY, R.M.; WEBLEY, P. **The individual in the economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LORENZI, Carla Guanaes; MOSCHETA, Murilo; WEBSTER, Clarissa M. Corradi; SOUZA, Laura Vilela e (Orgs.). **Construcionismo Social**: discurso, prática e produção de conhecimento. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 2014.

MEIRELLES, V. M. **Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MINAYO, M. C.S. O desafio da pesquisa da pesquisa social. In DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

THALER, R.H.; SUNSTEIN, C. R. **Nudge**: O empurrão para a escolha certa: Aprimore suas decisões sobre saúde, riqueza e felicidade. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TRIPP, D. Pesquisa - ação: uma introdução metodológica. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set-dez. 2005.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “*Quixotices financeiras: conversando sobre dinheiro em grupo multifamiliar*”, facilitado pela assistente social Isabel Aparecida Martins Ferreira, CRESS 28010 e pelas psicólogas Edna Maria Ferreira, CRP 06/116109, Marlene de Oliveira Rosa, CRP 06/110092 e Valéria Maria Meirelles, CRP 06/34329, alunas do INTERFACI - Instituto de Terapia: Família, Casal, Comunidade e Indivíduo, da Cidade de São Paulo, SP, sob a coordenação de Marilene Grandesso, como exigência parcial para a obtenção do título de especialista em “Práticas Colaborativas e Dialógicas”, de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

O objetivo da pesquisa é abrir espaços conversacionais, nos contextos familiares, para levar informações do significado do dinheiro nas famílias, levando informações sobre o assunto que promovam pensar novos comportamentos em relação ao uso e significado do dinheiro.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é

voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pela equipe de pesquisa e outra será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:

Eu, _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Os pesquisadores, certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Compreendo que a minha participação é voluntária e que posso sair a qualquer momento do grupo, sem prejuízo algum. Estou ciente que irei apenas participar dos quatro encontros do grupo multifamiliar, que serão realizadas nas dependências do Projeto Quixote, às 3^{as}.feiras, das 10:45h às 11:45h.

Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Isabel Aparecida Martins Ferreira, no telefone do Projeto Quixote (11) 5083-0449/ 5571-9476

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome do participante

Assinatura do Participante

Data

Nome do pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Data

Nome da testemunha

Assinatura da Testemunha

Data